

GT 06: NARRATIVAS DE VIDA: SABERES, SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO

O BERÇO E A MÁQUINA: NARRATIVAS DE COSTUREIRAS

Edla Freitas Ribeiro
Universidade Federal do Cariri - UFCA
edlaribeiroribeiro@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Luís Celestino de França Júnior
Universidade Federal do Cariri – UFCA
luís.celestino@ufca.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as narrativas de vida de sete mulheres profissionais da costura, residentes na região do Cariri. A partir de depoimentos coletados por meio de entrevistas agendadas, temas, como espaço físico e emocional onde exercem a profissão, visão de mundo e da profissão, são construídos, manejados e organizados por essas mulheres para refletir o modo como elas narram a própria história. O aporte teórico abrange BOSI (1994, 2003), ALVES e CUNHA (2010), SENNET (2013), BOURDIER (2002) e NUNES (2006). Transmissão e recepção de saberes também foram contemplados pela pesquisa, construindo uma vida baseada em experimentações e experiências de si e de outros.

Palavras-chave: Narrativas de Vida e Trabalho. Costureiras. Trabalho Domiciliar.

1 INTRODUÇÃO

As intermediações entre trabalho e família por vezes se dão a um mal estar manifestado pelas incertezas que circundam as sociedades ocidentais e sempre oferecem um material revelador para investigação. No que concerne a essa delimitação – trabalho e família –, ganham relevo cenários onde mulheres que, por diversas motivações, levaram o trabalho, geralmente de caráter artesanal, para dentro de seus domicílios, atuando de modo autônomo.

O trabalho de costureira é facilmente reconhecido como uma função remunerada que pode ser exercida em casa. E, embora já existam muitos homens trabalhando na profissão, a costura ainda é muito referenciada como opção de trabalho feminina. Torna-se repetitivo lembrar que ao ocupar um espaço no mercado de trabalho a mulher também acumulou funções. Ela é uma profissional, mas ainda é a dona de casa. Muitas tem filhos. Grande parte não tem marido. A indústria do vestuário oferece ao consumidor a roupa pronta e, por vezes, mais barata. É “(...) o primado da mercadoria sobre o homem” (BOSI, 1994: p. 78) que cria

uma nova realidade para que essas mulheres se mantenham ativas e provendo as próprias famílias.

Tendo em vista que este é um ofício exercido em espaços também emocionais – o bem parecer – e temporais, procuraremos acessar de forma afetiva o cotidiano do grupo de profissionais selecionadas e compreender como uma profissão tão antiga se mantém atuante no mercado. É também de interesse desta pesquisa investigar como são estabelecidas as relações com a indústria da moda e da roupa, o corpo como entidade promotora de significados e o trabalho como meio de sustento e manifestação de vida.

Para a execução do trabalho, optamos por entrevistas semiestruturadas, sendo que cada áudio coletado foi transcrito, resultando em 154 páginas de conversas digitalizadas. É importante ressaltar que para cada profissional foi feita mais de uma entrevista, previamente agendada e em local por elas escolhidos, geralmente, o ateliê de costura instalado na própria residência.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade da costura está ligada a um processo criador e criativo. É aquela parcela de trabalho material da cadeia de produção do mercado de roupas. É a parte tangível num universo de coisas intangíveis. Está ligado à moda, mas serve mais à indústria têxtil e de confecção. De tal modo que, aos olhos do mercado, a classe não poderia ser considerada um agente da moda e, sim, a mão de obra que produz a roupa da moda. De alguma forma, a classe já surge desagregada de *status*, pois quando uma costureira é inventiva em seu trabalho, criando volumes, modelagens, oferecendo soluções, é reconhecida como estilista ou artesã do luxo, podendo agregar o valor do dom – difícil de ser mensurado – às peças que produz.

Atualmente a maioria dos consumidores se vale de uma costureira para fazer cópia de modelos buscados no arcabouço de imagens de moda que nos cercam. Elas trabalham com uma matéria – a indumentária – que pode tanto ser signo de *status* como guardar a biografia de uma *persona* (BOSI, 2003), seja ela real ou inventada. São personagens que estão na memória da maioria de nós produzindo objetos de moda – instância imaterial – que perdem o valor em si após poucos episódios de uso.

A roupa tem esse caráter de bem cultural oferecido comercialmente. Mais do que proteger o corpo de intempéries e *velar* pudores, demarca singularidades e cria aparências de distinção. As costureiras estão às portas de acesso à “mudança de pele” que a moda e o

consumo defendem sob “operações de transferência de capital simbólico” (BOURDIEU, 2002: p. 162), mas raramente elas tem o poder de “decidir” o que o cliente deve vestir. Isso cabe a outros, àqueles que conseguiram se separar da produção material da vestimenta, alcançando a construção conceitual da indumentária.

Ao longo de séculos de ofício, a costura se liga à memória, não apenas como instância mental, mas, também, corporal, tomada inconscientemente pela prática cotidiana. É um reconhecimento que pertence a uma espécie imaterial de manejo sensorial que Sennet (2013, p. 173) classifica como “concreto e localizado”, um componente de informações acessadas e, novamente, alheadas quando se dá o retorno ao “raciocínio, à natureza do material” (idem).

“Os calos adquiridos pelas pessoas que usam as mãos profissionalmente constituem um caso particular de toque localizado. Em princípio, a camada mais espessa de pele deveria amortecer o tato; na prática, é o contrário que acontece. Protegendo as terminações nervosas da mão, o calo torna menos hesitante a sondagem. Embora a fisiologia desse processo ainda não seja bem conhecida, o resultado o é: o calo ao mesmo tempo sensibiliza a mão para minúsculos espaços físicos e estimula a sensação nas pontas dos dedos. Podemos supor que o calo representa para a mão o mesmo que a lente zoom para uma câmera” (idem).

No primeiro item da pesquisa, *A Costureira e o Ateliê: A Oficina-Residência*, tratamos do ateliê como espaço de trabalho instalado no domicílio, retratando como se dão as rotinas de casa e de ofício. Neste ponto é onde se abre espaço para que uma delas converse diretamente com o leitor. Esta decisão foi tomada pelo fato de que o sentido do que ela diz reflete sua subjetividade de um modo que um texto descritivo não poderia exprimir. É a narrativa alimentada ao ser contada por quem a viveu.

Para o segundo item, *A Costureira, a Roupas e o Corpo: Todas as Roupas do Corpo*, procuramos refletir sobre a costura e suas “ligações externas”. A forma como costureiras lidam com as tensões com o mundo da moda, da roupa como artefato da distinção social e com a precarização do trabalho.

Encerrando a discussão, procuramos deixar a costura em estado de subjacência. O interesse está em narrar – ou tentar – alguma subjetividade. Escolhemos três delas pela relevância do que nos contaram – ou não contaram – sob o título *Para Além da Costura: Alinhavos de Subjetividade*.

Movidos também pelo objetivo de dar lugar de fala a essas profissionais, o discurso delas procurou ser reconhecido e ressaltado. Para identificar no texto o que elas dizem, os trechos foram postos em itálico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A materialidade mercadológica que se tem percebido na profissão de costureira atinge novos ramos que exploram a imaterialidade de seu exercício – criatividade e empreendedorismo.

Mas, trabalhar em casa não é simples. O trabalho da costureira nem sempre é silencioso, ocupa vários cômodos da casa, dependendo da quantidade de tecidos que ela tenha guardado e o volume de peças que tenha que fabricar. Facilmente elas passam da jornada de oito horas que um trabalho "normal" exige. A casa vive repleta de pessoas estranhas aos outros moradores. Na hora de provar a roupa, a cliente tem que entrar num dos quartos ou banheiro e sempre existe a possibilidade de um deles estar ocupado por um dos moradores. Muitas dessas profissionais trabalham com a porta aberta para a rua. É uma imagem muito forte. O lugar do recolhimento, a casa, tem que estar aberta para que o trabalho entre.

Neste contexto de inter-relações elas vão construindo suas narrativas, absorvendo outras histórias de vida, contribuindo para contá-las, muitas vezes, sem perceber que seu saber também as insere na história de suas clientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Elizabeth Santos; CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **Memória do trabalho domiciliar e gênero**. Fazendo Gênero 9-Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010.

BOURDIER, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

NUNES, J. H. **Precarização, trabalho doméstico e trabalho domiciliar no setor de confecções em Goiânia**. 30º Encontro Anual da ANPOCS, 2006. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt26-7/3505-jnunes-o-comunitarismo/file>. Acesso em: 12 fev. 2019.

SENNET, Richard. **O artífice**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.